

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que lançamos mais um número da *Revista Igarapé* que, desta vez, trata de um tema inesgotável: *Viagem e literatura: processos de escritura em trânsito*. Desde os primórdios, a viagem constitui elemento intrínseco à existência do ser humano. Os tipos de viagens, as suas motivações e objetivos foram se transformando ao longo dos séculos: viagens de cunho científico, de oficiais, que promoviam investigações e, também, viagens por motivações de desenvolvimento pessoal. Além disso, na cultura ocidental, a vida é comumente traduzida como metáfora da viagem (IANNI, 2000). Do nascimento até a morte biológica, e, inclusive, após essa última – segundo distintas perspectivas religiosas –, há sempre um caminho a ser cumprido em busca de algo que, tanto pode ser de uma divindade ou de uma própria verdade interior. Sob esse ponto de vista, constata-se que somos todos sujeitos em trânsito, material, existencial ou espiritual.

Todorov (1993), ao tratar sobre um assunto tão extenso e complexo, já havia concluído que tudo é uma viagem. Maffesoli (2001), nesse sentido, assevera que o nomadismo forma parte da estrutura da natureza humana. Ainda, a partir dessa ideia, o signo da viagem ressurgiu intimamente relacionado à noção de mudança, tal como assinala Octavio Ianni (2000, p. 22): “a viagem pode alterar o significado do tempo e do espaço, da história e da memória, do ser e do devir”. No percurso em que se perde ou se encontra, o caminhante termina por se formar e transformar, podendo reencontrar-se, transfigurado em outro de si mesmo (IANNI, 2000, p. 27). A experiência do deslocamento afeta todos os níveis, pressupondo a mudança interna do eu e do outro. Historicamente, considerando o panorama da literatura ocidental, verificamos o estabelecimento de uma longa tradição de escritos destinados a registrar os fluxos, empíricos ou imaginários, experimentados pela humanidade.

Abordada por esse ângulo, Esteves e Zanoto (2010), apreciam que os relatos de viagens são tão antigos quanto a própria viagem. Desde a Odisseia, da antiguidade clássica, às aventuras de Marco Polo e Jean Mandeville que serviram de motivação à expansão marítima e às viagens do descobrimento de novos territórios no século XV, a viagem instituiu-se como eixo discursivo estruturante das composições literárias fundacionais do imaginário cultural do Ocidente. De acordo com Bourriud (2009), a viagem não se configura somente como um tema da moda, mas instaura-se como signo de uma evolução mais profunda, que afeta tanto as representações

do mundo a que pertencemos quanto a maneira de como nele vivemos, concreta ou simbolicamente. Frente a relevância do tema, o presente dossiê reúne trabalhos que propõem novos olhares e reflexões mais recentemente produzidas sobre as relações entre a literatura e as distintas formas de experiência do trânsito.

Dito isso, esta edição apresenta artigos que lidam com a viagem sob diferentes perspectivas, mas que se complementam, revelando as complexidades do tema. Em consonância com a proposta da *Revista Igarapé*, que abarca literatura, cultura e alteridade, temos um conjunto de artigos que abordam a viagem que envolve deslocamento espiritual e/ou geográfico através de diferentes regiões do mundo, incluindo Amazônia, Peru, Paraguai, Brasil, França, entre outras. Tangenciando o aspecto mais simbólico da experiência da viagem, o primeiro artigo deste dossiê intitulado **“A perspectiva da viagem e da identidade das protagonistas de “A Pequena Governanta” e “Viagem a Petrópolis”**”, de Maria Alice Sabaini de Souza, propõe uma análise comparativa entre os contos das autoras Katherine Mansfield e Clarice Lispector, analisando como os deslocamentos tanto territoriais quanto espirituais realizados pelas protagonistas interferem na (re)constituição de suas identidades. Ainda explorando a dimensão subjetiva do trânsito, apresentamos o artigo **“Entre rios, vales e montanhas: as viagens de Ernesto em *Os rios profundos*, de José María Arguedas”**, em que o autor Flávio Reginaldo Pimentel elabora uma análise do segundo capítulo do romance *Os rios profundos* (1958), do escritor peruano José María Arguedas, enfocando como os conceitos de território e territorialidade, definidos por Deleuze e Guattari (1997), ajudam a entender os processos memorialísticos que são marcantes na narrativa arguediana. Pimentel observa em seu estudo como a memória, incorporada à produção discursiva do narrador-personagem Ernesto, aprofunda, no texto literário, as marcas de sua identidade híbrida, mestiça, heterogênea, permeada de conflitos que refletem a sua inter-relação com os distintos espaços pelos quais circula.

A relação entre memória e representação do espaço articulada a partir da experiência do trânsito é, ainda, investigada por Tatiana da Silva Capaverde no estudo **“O exílio alterando ‘Geografias’, de Mario Benedetti”**. Neste trabalho, Capaverde examina os desdobramentos do exílio político vivido pelo protagonista uruguaio na França, o qual é representado desde um enfoque descentrado que metaforiza os próprios deslocamentos operados na mente do personagem. A autora demonstra como o conto aborda tanto os deslocamentos que se dão na dimensão territorial quanto aqueles processados na estrutura interna dos personagens, evidenciando a fratura existente nas percepções espaciais e temporais em situação de exílio.

Na sequência, um estudo sobre o espaço, a partir de uma perspectiva bachelardiana, é proposto por Luciano Martins da Conceição e José Elias Pinheiro Neto em “**Espaços de transmissão intercultural em *A Ocupação, de Julián Fuks***”, cujo objetivo é examinar como se dá a representação do processo de transmissão intercultural entre personagens de distintas origens que, no contexto ficcional, ocupam o antigo Hotel Cambridge, na cidade de São Paulo, perfazendo um coletivo de representantes sociais, que lutam pelo direito de moradia. O texto destaca o diálogo estabelecido entre os elementos externos e internos da casa bachelardiana, pensando o Cambridge como este espaço de moradia, ocupado por diversas línguas e histórias de resistência.

A relação entre literatura, viagem e resistência contemplada no trabalho de Conceição e Pinheiro Neto prepara o leitor para ingressar no campo interdisciplinar dos relatos de viagem, cujos discursos situam-se nas fronteiras da história, antropologia, etnografia, literatura e outras metanarrativas da contemporaneidade. No artigo “**A missão religiosa e a tradução de um mundo: relatos de um missionário anglicano no Chaco Paraguai**”, o autor Rogério Mendonça Correia produz, a partir de uma perspectiva decolonial, uma análise discursiva sobre a experiência religiosa descrita em *Among The Indians of The Paraguayan Chac* (1904), de Wilfrid Barbrooke Grubb, no qual retrata suas experiências missionárias na região do Chaco paraguai. Em sua leitura, Correia defende a ideia de que é necessário ter uma visão crítica sobre os processos tradutórios engendrados por viajantes estrangeiros sobre o mundo que lhe é alheio, pois os discursos por eles enunciados tendem a “coisificar” aquilo que encontram “no lugar de destino, no ponto final de viagem, descrevendo como veem e como entendem, vendendo essa leitura, portanto essa tradução do que o viajante vê, como realidade única, monolítica, absoluta e verdadeira do (des)conhecido”, apagando vozes e outros saberes que integram o mundo do nativo.

O questionamento do modo de representação do Outro pelo olhar do viajante também é discutido por Francilene Virgolino de Azevedo e Avacir Gomes dos Santos Silva no artigo “**Rio da dúvida: olhares sombrios sobre as espacialidades amazônicas**”. Nesse texto, os autores examinam o relato de Candice Millard, intitulado *Rio da Dúvida: a sombria viagem de Roosevelt e Rondon pela Amazônia* (2007), a fim de demonstrar como a viagem expedicionária do norte-americano Theodore Roosevelt e do brasileiro Cândido Rondon pela Amazônia, entre os anos de 1913 e 1914, contribuiu para reforçar o olhar do colonizador sobre as espacialidades amazônicas. Dessa forma, o artigo pretende contribuir para a emergência de novas narrativas

que revelem outras vozes e histórias silenciadas que constituem as espacialidades e os modos de vida amazônicos.

Orientando-se pela perspectiva pós-colonial, ainda com a finalidade de deslocar as imagens distorcidas sobre a Amazônia, tem-se o artigo **“Recortes historiográficos do cenário madeirense em retalhos de relatos: entre expedicionários, autóctones, cachoeiras e corredeiras”**, de Marcelo Zaboetzi. Neste trabalho, o autor discorre sobre as representações contidas nos relatos das expedições que narram sobre as travessias dos rios Madeira e Mamoré em um contexto histórico anterior à construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Na leitura-análise de três relatos de viagem aludidos na obra *A ferrovia do diabo* (1987), de Manoel Rodrigues Ferreira, observa-se a descrição dessas paragens amazônicas sob o signo de espaço infernal. O estudo investiga como o discurso presente em tais textos revelam a confluência de uma lógica representacional etnocêntrica predominante nos primeiros relatos sobre a Amazônia, por meio do qual a visão do *outsider* constitui-se um padrão a ser replicado.

De volta às arenas da ficção, o artigo **“A viagem como lugar de escuta: o deslocamento do olhar sobre as alteridades amazônicas em *A Natureza ri da cultura*, de Milton Hatoum”**, escrito por Juliana Bevilacqua Maioli, convoca novamente a problemática sobre o olhar do viajante e seu modo de representação, discutindo-a a partir de sua recriação na linguagem literária. A autora propõe a leitura do conto *A natureza ri da cultura* (2009) a fim de observar como a narrativa contemporânea opera esteticamente o deslocamento do olhar imperial, comumente associado à figura do estrangeiro, e às formas de representação das alteridades amazônicas. O estudo examina como o signo da viagem, enquanto dispositivo estruturante do relato, irrompe como lugar privilegiado da escuta, desde onde o viajante se institui enquanto sujeito inclinado a auscultar os lugares pelos quais transita, mobilizando sentidos alternativos para aproximar-se de alteridades, cujos significados situam-se para além das imagens captadas pelo olhar.

E, por fim, o lugar da escuta evidenciado no trabalho de Maioli, concebido como dimensão subjacente à experiência do trânsito, desde a qual é possível dismantelar-se os pilares da razão etnocêntrica adquire uma ressonância prática no estudo conduzido por Joely Coelho Santiago e Hélio Rodrigues da Rocha, intitulado **“Aparando vidas: memória e vivências entretecidas por parteiras remanescentes de quilombolas no Rio Guaporé/RO”**. Nesse artigo, produzido a partir de uma abordagem etnográfica, os autores discorrem sobre a arte de aparar vidas, proporcionando o registro de saberes acumulados, narrados por parteiras remanescentes de quilombolas. Através da escuta desses relatos, adentramos às memórias,

vozes e vivências de sujeitos e sujeitas e sujeitas dos rincões amazônicos, embarcando-nos em uma viagem de múltiplos horizontes. Um destino, cujo o fim é a experiência do próprio trajeto, o percurso que nos atravessa e nos transforma.

Das viagens interiores à evocação das memórias que se rearticulam em função dos deslocamentos por diferentes espaços, fragmentando a identidade de sujeitos que habitam o trânsito, e, passando também pelos espaços de resistência derivados dos encontros interculturais, o leitor deste dossiê, finalmente, alcança às margens dos rios da região amazônica, sendo convidado a repensá-la e a “(re)imaginá-la” (NENEVÉ; SAMPAIO, 2015) por meio dos artigos selecionados.

Convém destacar que a organização deste volume está vinculada às ações do Projeto de Pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Juliana Bevilacqua Maioli, intitulado “Do olhar imperial ao paradigma da escuta: processos de ressemantização do signo da viagem no discurso literário latino-americano” (Portaria de nº 12/2020/PROPESQ/UNIR), como parte das atividades desenvolvidas pelo Grupo de estudos “Literatura, Educação e Cultura: caminhos da alteridade” (LECCA), da UNIR e, também, das ações realizadas pelo “Devir-Amazônia: grupo de pesquisa em Literatura, Educação e Interculturalidade”, que, entre outros objetivos, estuda o devir-Amazônia em suas várias faces, inclusive o processo tradutório de narrativas de viajantes de línguas estrangeiras pelos mundos sul-americanos, a partir do projeto de pesquisa “Tradufagia”, coordenado pelo Prof. Dr. Hélio Rodrigues da Rocha.

Agradecemos o suporte conferido pela equipe editorial para a realização deste dossiê e a todos os autores envolvidos neste trabalho. Esperamos que os estudos aqui publicados não colaborem apenas para as reflexões do âmbito dos estudos literários, mas, considerando o caráter interdisciplinar deste volume, desejamos que as suas contribuições também sejam relevantes para outras áreas das Ciências Humanas e Sociais.

Nós, os organizadores, desejamos-lhes uma boa viagem!

Prof. Dr. Hélio Rodrigues da Rocha (UNIR)

Profa. Dra. Juliana Bevilacqua Maioli (UNIR)

Profa. Dra. Mariana Bolfarine (UFMT-CUR)

Referências

BOURRIAUD, Nicolas. **Radicante**. Trad. de Michèle Guillermont. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2009.

ESTEVES, Antonio; ZANOTO, Sérgio Augusto (orgs). **Literatura de viagem. Viagens na literatura**. Assis: Ed. UNESP, 2010.

IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MAFFESOLI, Michael. **El nomadismo. Vagabundeos iniciáticos**. México: FCE, 2004.

NENEVÉ; Miguel; SAMPAIO, Sônia M. Gomes. Re-imaginar a Amazônia, descolonizar a escrita sobre a região. *In*: ALBUQUERQUE, Gerson R.; NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia M. Gomes (org). **Literaturas e Amazônia: colonização e descolonização**. 1 ed. Rio Branco: Nepan Editora, 2015.

TODOROV, T. El viaje y su relato. *In*: TODOROV, T. **Morales de la historia**. Trad. Marta Beltrán Alcázar. Barcelona: Paidós, 1993.